Nº 41, Julho - Setembro de 2012, €0,50

Boletim Anarco-Sindicalista

«Nós transportamos nos nossos corações um mundo novo» – Durruti

Publicação trimestral da Associação Internacional d@s Trabalhador@s - Secção Portuguesa

Que trabalho?... Que emprego?... Que forma de vida?...

Estaremos condenados por "decisão divina" a "amassar o pão com o suor do nosso rosto" - enquanto outros amassam é as suas riquezas e privilégios com a nossa miséria, com a nossa saúde e com o nosso engano?...

Estaremos condenados a aceitar trabalhar para empregadores, patrões, gestores, sem um mínimo de condições – apenas as que nos permitam continuar a ser escravos assalariados no dia seguinte?...

Estaremos condenados a fazer apenas o que dê lucro para alguns – mesmo que não sirva para mais nada?...

Estaremos condenados a ter que acatar um borrão chamado "código de trabalho" só porque foi assinado por alguns privilegiados, governantes e "representantes" que nada sabem das nossas vidas?...

Não estamos! …Não somos apenas "mão de obra", "recursos humanos", "factores de produção"! Somos gente! Somos pessoas!

Exigimos respeito pela nossa dignidade e não apenas "um posto de trabalho"!

O planeta Terra (ainda) aí está, com os "recursos naturais" e com as "novas tecnologias" (algumas tão anti-ecológicas como anti-humanas), que em vez de servirem para acabar com a fome e a desigualdade entre a Humanidade têm é servido sobretudo para acumular o poder, o dinheiro e os privilégios nas mãos de uma classe parasitária – a burguesia, privada ou de Estado – que não se importa de deixar atrás de si a destruição do planeta e dos seus habitantes desde que isso lhe garanta lucros chorudos!...E se isto pode ser visto como uma inconsciência e uma estupidez grave... é a prática que hoje se vê!

Por isso, quando tudo aquilo que foi construído pelos braços das classes trabalhadoras – cidades, casas, fábricas, pontes, campos de cultivo, máquinas, transportes, etc…- já não garanta à burguesia (banqueiros, financeiros, empresários, governantes…) o lucro que ela quer…que se lixe! Caia abaixo, abandone-se, destruase… É esse o cenário da actual dita "crise". Cada vez se produz menos com a "força de trabalho" operária e mais com novas tecnologias, cada vez se responde menos às necessidades vitais da população mas mesmo assim cada vez mais se acumula riqueza e privilégios numa minoria da população e miséria, carência e desemprego na maioria. Mas isto não é algo que seja acidental. Isto é provocado para que o chamado "exército industrial (ou de mão de obra) de reserva", sirva de pressão a quem (ainda) tem trabalho a aceitar de patrões e gestores, as piores condições de trabalho possíveis. Isto é a actualidade, isto é o capitalismo – que não irá abaixo nem com eleições nem através de quaisquer "representantes"!

Mas continuam a surgir sempre "novas" formas das trabalhadoras, trabalhadores e povo resistirem à destruição que o capitalismo leva a efeito. A actual luta dos mineiros das Astúrias e de Leão contra o encerramento das minas, bem como, em Março passado, a ocupação da Cerâmica de Valadares pelos trabalhadores para obrigar o patronato a pagar os salários em atraso, com os seus altos e baixos, apontam o caminho da luta e da acção direta dos trabalhadores como o único caminho consequente a tomar, até à ocupação dos locais de trabalho onde isso seja possível e a autogestão dos locais de

(continua na pág. 2)

Neste número do Boletim Anarco-Sindicalista:

(continuado da página 1)

trabalho e da produção pelos próprios trabalhadores.

Existem também outras formas de produzir o que é necessário à vida, e inclusive outras formas de consumir (sem intermediários), dividindo tanto os esforços como os resultados por todos, sem ter de alimentar parasitas privilegiados nem ter de destruir o planeta. É isso que procuram as actuais experiências de economia alternativa e solidária.

Inspirados pelo anarquismo e pelo anarco-sindicalismo, adiantamos aqui as ideias e experiências práticas da auto-organização, da autogestão, da acção directa, da democracia directa assembleária como formas de alternativa real ao capitalismo, à miséria e ao desemprego actuais.

A luta contra o desemprego e a precariedade

Dado que hoje a tendência geral é para todos sermos desempregados e/ou precários, defendemos a necessidade de nos unirmos na mesma organização trabalhadores com e sem trabalho, desempregados ou não, de curta ou longa duração, reformados, utentes dos apoios sociais, novos ou velhos.

Só assim poderemos criar as relações de entre-ajuda e de solidariedade efectiva entre nós que nos permitam organizarmonos devidamente para resistir ao capitalismo e criarmos alternativas reais em vez de continuarmos a fazer apenas ações simbólicas que nada mudam (além das moscas).

A luta contra o desemprego passa também por criarmos uma outra forma de produzir, de trabalhar e uma outra forma de organização social – que nós chamamos de comunismo libertário.

Continua a ser necessário, cada vez mais, manifestarmos o nosso descontentamento e a nossa revolta, ocuparmos as ruas, as praças, os locais de trabalho que ameaçam fechar – mas isso já não basta!

O Capitalismo, mascarado ou não de "democrata", não nos oferece senão duas hipóteses:

a) ou aceitarmos as condições de trabalho mais degradantes e precárias, os "direitos" laborais e sociais reduzidos ao mínimo… e passamos fome – se não lutarmos pelos direitos que foram conquistados no passado e que nos estão a roubar!

b) ou engrossarmos a multidão dos desempregados …e passamos fome – se não resistirmos, se não lutarmos solidariamente pelo direito à vida!

Daí que defendamos hoje a criação de sindicatos revolucionários, só com voluntários, sem burocratas pagos, sem subsídios do Estado e independentes dos partidos. Daí que defendamos a criação de núcleos/secções de empresa e locais, da AIT-SP (organização anarco-sindicalista portuguesa), de comités populares que organizem assembleias populares nos bairros e que organizem a resistência contra os despejos, contra os aumentos de rendas e serviços públicos e pela ocupação de casas devolutas. Mas também a organização nos bairros e nos locais de habitação de grupos cooperativos de consumidores - trabalhadores, de refeitórios populares, de assembleias de moradores e a reanimação das associações populares.

Contra quem nos está a roubar – contra-poder popular!

Quem está de momento desocupado, tem no apoio à organização de todas estas atividades e de muitas outras (hortas populares, animação e educação popular, grupos de divulgação, criação de círculos de estudos sociais, etc, etc.…) muito em que aplicar a sua energia criativa… Por isso a situação de desemprego forçado que o capitalismo nos impõe deve ser virado contra ele, de todas as maneiras possíveis, nomeadamente ajudando quem ainda tem trabalho a organizar-se e a resistir. Desempregados sim, desocupados não!

Informa-te, organiza-te, associa-te, na:

AIT-SP (Associação Internacional dos Trabalhadores-Secção Portuguesa)

S.O.V. (Sindicato de Ofícios Vários) do PORTO

A única forma de sobreviver é derrubando este sistema

Saudamos todos aqueles e aquelas que se recusam a continuar a assistir em silêncio a este ataque interminável contra as nossas condições de existência e se dispõem a lutar.

Repudiamos absolutamente mais esta pirueta cínica da lei laboral, feita, como todas as anteriores, com o propósito único de nos enfraquecer e roubar. Não podendo atacar directamente os salários nominais e contando apenas com a pressão causada pelo desemprego para os fazer baixar, a classe dominante volta-se para as horas extraordinárias, procura anular os contratos colectivos de trabalho, corta no número de feriados, tornando-os em dias de trabalho oferecidos gratuitamente ao patrão, corta ainda nas indemnizações para tornar menos dispendioso o despedimento, alargando uma vez mais o leque das razões para despedir.

Estamos com os trabalhadores em greve, mas dizemos: pequenas greves limitadas não resolverão nada. Tão pouco adiantarão de grande coisa manifestações e passeatas pelas ruas. De nada serve mostrar descontentamento, o Estado sabe muito bem o que anda a fazer e porquê. É preciso rasgar o velho fetiche absurdo da democracia e da «vontade popular». O Governo – este ou qualquer outro – não depende de nós, mas da classe dominante que nos explora e, confrontada com esta crise, sabe que terá que extorquir-nos cada vez mais trabalho a troco de cada vez menos salário se quiser sobreviver.

Os tempos que vivemos exigem união e coragem. União, porque isolados nada podemos contra este regime que nos esmaga. Coragem, porque a luta deverá ser levada até às últimas consequências se quiser ser frutuosa. É preciso que se compreenda que a ofensiva do Capital contra os trabalhadores não começou com este Governo ou com a «Troika» e não há-de acabar com eles. É a totalidade da classe dominante que deve ser derrubada, não apenas o Governo! São os meios de produção que permitem a um punhado de exploradores manter a sociedade inteira refém da sua vontade e da sua ganância que devem ser expropriados! Em suma, é o próprio capitalismo que tem que acabar, sob pena deste ciclo de opressão e miséria não ter fim.

À luta! Pela vida que nos querem roubar!

Unidos e auto-organizados, nós damos-lhes a «crise»!

Agosto de 2012

Associação Internacional d@s Trabalhador@s
Secção Portuguesa - Núcleo de Lisboa

Notícias

Manifestações de apoio aos mineiros de Espanha em Lisboa e Porto

No passado dia 11 de Julho tiveram lugar, em Lisboa e no Porto, manifestações de solidariedade com a luta dos mineiros em Espanha, que permanecem em greve desde Maio em defesa dos seus postos de trabalho.

Em Lisboa, a AIT-SP convocou uma concentração para as 18 horas em frente à Embaixada de Espanha. Foram distribuídas várias centenas de comunicados informativos aos transeuntes que, apesar do bloqueio informativo, pareciam informados sobre a luta destes trabalhadores e

manifestavam o seu apoio. A concentração convergiu com uma outra convocada para as 19:30 horas pela Plataforma 15 de Outubro.

No Porto, vários colectivos, entre os quais o SOV da AIT-SP nesta cidade, organizaram uma marcha entre a Praça da Batalha e o Consulado de Espanha, com a finalidade de entregar uma carta de protesto.

Em ambas as manifestações, foi entoado o hino mineiro "En el pozo Maria Luísa" e foram gritadas frases de solidariedade com os mineiros em luta.

Feira do Livro Anarquista em Lisboa

De 25 a 27 de Maio decorreu em Lisboa, na Faculdade de Belas Artes, a quinta edição da Feira do Livro Anarquista, contando com a presença de cerca de 20 bancas de Portugal, Espanha, França e Brasil expostas no agradável pátio exterior da faculdade.

Os importantes momentos de confraternização, discussão de ideias e reencontro marcaram como sempre a Feira do Livro Anarquista e o programa de actividades foi bastante diversificado, ocorrendo apresentações de espaços, projectos, livros e publicações, passagem de filmes, uma performance, concertos, uma oficina de encadernação de livros e várias conversas/debates (sobre autogestão, decrescimento, situação repressiva na Grécia, etc.).

Como habitualmente, a AIT-SP participou com uma banca e iniciou ainda a actividade de apresentação de publicações independentes com o boletim anarco-sindicalista que é editado desde a criação da AIT-SP.

Feira Libertária nas Caldas da Rainha

No dia 6 de Maio, realizou-se pela primeira vez uma Feira Libertária nas Caldas da Rainha, com a participação de associações e colectivos diversos como Caldas da Rainha pela Ética Animal, Es.Col.A da Fontinha, Centro de Cultura Libertária de Almada, Margem Sul-Libertação Animal, entre outros. Esteve igualmente presente uma banca da AIT-SP – Núcleo de Chaves. Para além dos livros e publicações e do convívio entre pessoas de todo o país, realizaram-se ao longo do dia várias actividades como reflexões e debates, concertos, uma performance e um almoço vegano. Esperamos que este seja o primeiro de vários encontros libertários nas Caldas.

Novo blog do SOV AIT-SP Porto

sovaitporto.blogspot.com

Código do Trabalho: mais uma revisão…
… para encher os bolsos ao patrão!

Entrou em vigor no dia 1 de Agosto mais um conjunto de alterações ao Código do Trabalho. Desde 2003, esta é, pelo menos, a quinta revisão do Código do Trabalho e a segunda só no último ano. O objectivo é claro: dar mais regalias aos patrões, à custa de reduzir os direitos e as remunerações dos trabalhadores. Trata-se de mais um passo no longo processo de degradação das condições de vida dos trabalhadores em benefício da acumulação de riqueza por uma minoria de exploradores.

Eis as principais alterações às leis do trabalho:

- Eliminação de quatro dias feriados (a partir de 2013) e do bónus de três dias de férias por assiduidade, ou seja, mais 7 dias por ano de trabalho para a entidade patronal sem acréscimo salarial.

- Diminuição para metade do acréscimo pago pelo trabalho extraordinário: passa dos anteriores 50% para 25% na primeira hora e de 75% para 37,5% nas horas seguintes.

- Diminuição para metade do acréscimo salarial pago pelo trabalho em dia de descanso semanal ou feriado (de 100% passa para 50%) e do período de descanso compensatório (passa da totalidade para metade das horas trabalhadas).

- Redução da compensação por despedimento, que passa de dois dias de retribuição-base por cada mês de duração do contrato para 20 dias por cada ano. O cálculo do valor diário passa a resultar da divisão por 30 do valor da retribuição-base, quando anteriormente resultava do cálculo da retribuição horária, equivalendo aproximadamente à divisão da retribuição-base por 22 dias. Trata-se de uma redução de quase 40% nestas compensações.

- Alargamento da possibilidade de despedimento por inadaptação, que passa a ser possível se se verificar uma "redução continuada da produtividade" do trabalhador, sendo também "aplicável em caso de objetivos acordados entre empregador e trabalhador". É eliminada da lei a condição de não poder existir "posto de trabalho disponível e compatível com a qualificação profissional do trabalhador" para se poder despedir por inadaptação.

- Criação do banco de horas individual. O banco de horas deixa de resultar unicamente de negociação colectiva, para poder ser instituído por "acordo" individual entre o empregador e o trabalhador. Se isto acontecer, o horário de trabalho pode ser aumentado até quatro horas diárias, podendo atingir 50 horas semanais, com um limite de acréscimo de 150 horas por ano. O acordo pode ser estabelecido mediante proposta do empregador, à qual o trabalhador não se oponha por escrito num prazo de 14 dias.

- Aumento do período de trabalho sem descanso. Permite-se que o trabalhador possa prestar 6 horas de trabalho consecutivo sem período de descanso quando o período de trabalho diário for superior a 10 horas.

- A lei declara ainda nulas todas as disposições de convenções colectivas anteriores à sua entrada em vigor que sejam mais favoráveis aos trabalhadores no que diz respeito a: compensações por despedimento colectivo e por cessação do contrato, descanso compensatório ou majorações do período de férias. Já as disposições relativas a acréscimos de pagamento por trabalho suplementar e retribuição/descanso compensatório por trabalho em dia feriado, que sejam mais favoráveis aos trabalhadores, são suspensas por dois anos, após o que os valores serão reduzidos para metade.

Como vem sendo anunciado, estas reformas não pararão aqui. O governo, o patronato e a "troika" dizem que é "necessário" reduzir ainda mais os custos do "factor-trabalho" e tornar mais fáceis os despedimentos, o que, supostamente, tornará Portugal num "paraíso para o investimento". Ora, está bem de ver que, se em todo o mundo os governos baixam salários e roubam direitos aos trabalhadores para atrair investimento... este argumento só faz sentido nos bolsos dos patrões! Já nos nossos bolsos, não leva a lado nenhum!

Só a resistência dos trabalhadores poderá opor-se aos planos desta cambada de exploradores. Mas já está mais que demonstrado que o sindicalismo burocrático e reformista é incapaz de responder eficazmente a estes ataques e que não sonha sequer em acabar com este sistema. Quando não colabora mesmo na implementação das políticas, limita-se a criar uma ilusão de resistência, ordeira e colaborante com as autoridades, cujo resultado acaba por ser apenas o desespero e o sentimento de que não é possível fazer mais nada.

A luta tem de partir dos próprios trabalhadores, que não se podem deixar enganar por políticos ou sindicalistas profissionais. Só tomando a luta nas suas mãos os trabalhadores podem ganhar força para tornar inúteis os patrões e os políticos e começar a sonhar com um mundo em que não sejam sempre escravos.

RF

O Despejo da Casa Ocupada de São Lázaro

Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), relativos a Novembro de 2011, cerca de 50% das casas da baixa lisboeta estão vazias. Portanto, inutilizadas, ao abandono, sem utilidade.

Quanto ao número de casas vazias para arrendamento, houve um aumento de 37.6% entre 2001 e 2011, passando de 80.094 para 110.207 imóveis, segundo os dados provisórios dos Censos 2011.

Ou seja, tanta gente sem casa e tanta casa sem gente.

Para além disso, na era da globalização, na qual a sociedade se tende a formatar, tal e qual como carneiros seguindo as ordens e indicações de um qualquer pastor, que, ao simples assobio manda o seu fiel amigo "demonstrar" quem realmente manda, quase que não há espaço para pensar e viver de maneira diferente.

Foi com esse intuito que se ocupou - novamente -, o prédio devoluto na Rua de São Lázaro, 94 - SL94.

Refira-se que a Câmara Municipal de Lisboa, tão ciosa dos seus direitos - e acima de tudo -, dos deveres dos munícipes, demonstrou sempre um total desprezo pela recuperação e utilização do espaço, e para Helena Roseta e António Costa, o que conta NÃO são - definitivamente, as pessoas. A não ser que por "caridade", se entreguem as ditas casas uns meses antes das próximas eleições...

Desde o dia 25 de Abril deste ano, que o espaço - inicialmente imundo -, sofreu uma total transformação, tendo depois de muitas horas de limpezas, pinturas e arranjos, devolvido aquele espaço à cidade e a quem dele quisesse usufruir, tendo sido feitos concertos, workshops e demais actividades lúdicas e culturais.

No dia 31 de Maio foi efectuado pelos ciosos fiscais do urbanismo da CML, conjuntamente com a Polícia Municipal e a PSP, o despejo - ilegal -, do espaço. Sem qualquer aviso, foi arrombada a porta e expulsos os seus ocupantes, tendo sido roubado algum material pertença desses mesmos ocupantes.

Nessa acção foram detidas quatro pessoas, conjuntamente com o advogado do SL94, por alegadamente se ter "excedido nas palavras" para com as forças da ordem, e mesmo após o mesmo se ter identificado como tal. Acrescente-se ainda o espancamento de uma rapariga já no chão, tendo-lhe sido recusada a utilização de uma bomba para a asma, e em plena crise respiratória...

Uma vez mais ficou demonstrada a arbitrariedade e o conluio entre as forças da ordem e os políticos.

Nessa mesma tarde, foi efectuado um convite pela parte da Vereadora Helena Roseta, tendo em vista um "início de diálogo" acerca do espaço, ao que responderam os ocupantes: "...Não dialogamos quando a nossa porta é arrombada, somos roubados, espancados e detidos. Não entramos em jogos políticos hipócritas e falsos."

Em jeito de solidariedade com o espaço SL94 foi marcada uma concentração no Martim Moniz nesse mesmo dia às 18h, com o intuito de demonstrar que não se pode despejar um espaço, que ainda por cima se encontrava abandonado, imundo e vazio. Vazio de pessoas, mas também de acções e ideias, e aonde se juntaram cerca de 200 pessoas.

Depois de se terem dirigido para o gabinete da vereadora Helena Roseta, situado no Largo do Intendente - qual saltitona da política, visto já ter passado do PSD para o PS, e à porta da qual se gritaram palavras de ordem contra os interesses estabelecidos, bem como contra o abuso de autoridade, começou a mesma a dispersar-se em direcção aos Anjos, em virtude da aproximação da polícia de intervenção.

Chegados ao Largo da Igreja dos Anjos, e após alguns momentos de total coacção física, na qual os manifestantes foram impedidos de sair do espaço delineado pelos robocops em acelerada corrida, foram sequestrados nas escadarias da Igreja dos Anjos (aonde é que já vimos isto?!), cerca de cinquenta dos integrantes da manifestação.

Essa teia, montada pela polícia de intervenção, e armada com shotguns de balas de borracha, cassetetes, pistolas e até - pasme-se! -, um lança granadas!, foi vista por quem passava na altura na rua, interrogando-se acerca do que teriam feito aqueles "perigosos jovens"? Sim, porque para lidar com estes perigosos marginais, é necessário utilizar toda a força possível.

Aliás, se não fossem estes "momentos", aonde é que estes profissionais da força bruta iriam demonstrar e exercitar a sua virilidade?

Para além disso, notavam-se "extra circo" e nas proximidades, vários paisanos com o intuito de observar estes rebeldes e contestatários.

Os restantes manifestantes, espalhados pelo perímetro exterior, continuaram a gritar palavras de ordem para com - mais um! -, abuso por parte de um estado que se diz democrático e de direito. Notava-se ainda a estupefação de dezenas de transeuntes, espantados com o sucedido e com o absurdo daquele cerco policial, e aonde chegaram a estar treze carrinhas do Corpo de Intervenção, tendo sido até cortada a Av. Almirante Reis.

Depois de um prolongado cerco, com o intuito de quebrar psicologicamente os "enclausurados", foram então identificados e revistados, não tendo havido nenhum detido.

Henrique Buenaventura

19 de Maio - Rua com todos

A concentração, marcada para as 15h, no Martim Moniz, foi um grito de revolta com o objectivo de mostrar a porta da rua a todos aqueles que diariamente nos oprimem, espezinham, gozam, roubam, empobrecem, marginalizam. E que nos tiram a vida e a dignidade.

Chega de pessoas, instituições que perpetuam este mundo de miséria e autoridade!

RUA COM TODOS os políticos, banqueiros, fascistas, autoritários e capitalistas!

O mote estava dado. Estar na rua com todos os que decidem agir por si próprios, com todos aqueles que não se revêem na política e nos políticos, na ideia de que há organizadores e organizados, líderes e seguidores, activistas e activados, como se todos fôssemos autómatos à espera que nos liguem/desliguem o botão on/off. Para viver um momento em que estejamos todos juntos na rua, entre iguais, ao nosso ritmo e com as vontades que cada um presente tiver.

Se estar na rua sem partidos é uma evidência para muitos desde sempre, estarmos sem sindicatos ou organizações representativas começa a fazer mais que sentido, para mais do que uma pequena minoria. Palco para burocratas e futuros líderes, elas insistem em travar todas as tendências e pessoas que visem experimentar coisas novas, maneiras novas de estar em luta na rua e no dia a dia, e que pensem de maneira diferente.

A manifestação começou timidamente a ganhar forma, tendo saído com cerca de 120 pessoas, empunhando bandeiras, faixas com dizeres anti-autoritários - e com uma arma tantas vezes utilizada: a voz! Essa voz que não é calada! Essa voz que nos exterioriza o que nos vai na alma. Essa voz que nos faz dizer NÃO! -, subindo a Av. Almirante Reis, e tendo voltado pouco depois ao Martim Moniz, de onde se subiu para Alfama, vindo mais tarde a descer para a Baixa de Lisboa. Durante o trajecto iam-se dizendo palavras de ordem contra o estado e o capital, tendo igualmente sido arremessados ovos e balões de tinta contra as sedes de alguns partidos políticos.

Após algumas voltas e viravoltas pelas ruas da Baixa, e já em tempo de desmobilização, eis quando se chega à Praça da Figueira, e após um pequeno compasso de espera, os manifestantes são imediatamente cercados/sequestrados pela polícia de choque do estado, indo até ao cúmulo de transeuntes e turistas que passavam nesse momento pelo centro da Praça, serem apanhados na teia montada pelas forças autoritárias do estado, e até serem obrigadas a descer de autocarros de turismo, com o propósito de não verem o que iria acontecer.

Viveram-se momentos de tensão e de incerteza acerca do desfecho final desta acção repressiva, dando claramente a ideia de que poderia haver uma violenta carga policial, o que teria sido uma catástrofe dada a desproporcionalidade de forças.

Rapidamente começaram a chegar carrinhas de detenção (chegando ao máximo de oito), ficando a ideia de que os manifestantes na sua totalidade iriam ser levados, facto que não se chegou a concretizar. Polícias à civil iam revistando todos os integrantes do pretenso "grupo terrorista", não fossem eles transportar algum engenho altamente explosivo.

Exteriormente ao sequestro, inúmeras pessoas íam demonstrando o seu desagrado pelo acontecimento, gritando palavras de ordem contra este abuso de autoridade, próprio de um estado policial, bem como incentivando a resistência activa.

Dentro do cordão policial ia-se dançando, tocando e dizendo palavras de ordem. Sim, porque "isto" da repressão já não é novo. Mudam-se os tempos, mas - infelizmente -, o autoritarismo persiste.

Depois da revista geral a que todos foram sujeitos, foram detidos seis companheiros, tendo sido levados para a Esquadra do Campo Mártires da Pátria, aonde rapidamente boa parte dos manifestantes rumou. A concentração à porta da esquadra aguentou-se firme, não desmobilizando nem com a fome nem com o frio. Deu-se entretanto a soltura do último companheiro detido, ficando com a obrigação de se apresentar em Tribunal e estando agora a aguardar julgamento.

Sim, porque isto da solidariedade não é só conversa nem palavras mortas.

Sim, cada vez mais a frase é esta: RUA COM TODOS!!!

Henrique Buenaventura

Setúbal - 1º de Maio Anti-capitalista e Anti-autoritário

Depois dos acontecimentos do 1º de Maio do passado ano, marcado por uma repressão policial sem igual, aquando da chegada do protesto anti-capitalista e anti-autoritário ao largo da Fonte Nova - e depois de um percurso sem incidentes -, seria de esperar que passado um ano, se voltasse a eleger a cidade de Setúbal - cidade com fortes raízes de lutas libertárias e que no início do séc. XX chegou mesmo a ser considerada a Barcelona portuguesa, em virtude de ter o maior núcleo anarco-sindicalista do país -, como o local escolhido para perpetuar essa memória histórica, bem como para marcar uma posição de luta e de resistência para o futuro.

O fim dessa manifestação pacífica - ao contrário da constante agressividade do estado e do capital, conjuntamente a uma cada vez maior asfixia social e de liberdade -, resultou numa despropositada e desproporcional violência por parte das forças da des-ordem (como atestam os inúmeros vídeos colocados na internet). O facto de um manifestante se recusar a se identificar, deu azo a que o fim da manifestação tenha sido dispersada ao tiro - manifestação essa, que não ultrapassava as 100 pessoas –, e que só pretendia descansar e conviver, tendo sido obrigados a fugir pelas ruas da Baixa de Setúbal, à frente da polícia que os perseguia aos tiros, daí resultando em vários feridos - alguns dos quais espancados após terem sido "apanhados" em locais públicos, como lojas e cafés.

Importa realçar, um acto - repressivo e autoritário-, que não foi de todo mediático. Nenhum jornalista levou com uma bala de borracha ou bastonadas na cabeça, sendo esse o único argumento válido para que a comunicação social (?) se indigne.

Ao chegar-se a Setúbal, imediatamente se viu com o que poderíamos contar. As forças policiais eram às centenas, quiçá alarmados com uma manifestação de perigosos e violentos anarquistas, não faltando cães polícias e carrinhas anti-motim… A juntar a isto tudo, uma concentração nacional marcada pelo PNR, com o propósito de defender o trabalho nacional (?)… Irónico, quando no tempo da "outra senhora" eram proibidos os ajuntamentos de mais de três pessoas, quanto mais de manifestações ou comemorações do 1ª de Maio, acontecendo - quando muito -, festarolas de carácter corporativista e anti-operária.

A concentração, marcada para as 14h no Largo da Misericórdia, juntou timidamente cerca de 150 pessoas, aonde não faltou uma câmara oculta no interior de um prédio no referido Largo, bem como a companhia de inúmeros agentes da autoridade.

Ao som de palavras de ordem contra o fascismo e contra o estado e o capital, bem como pela liberdade, e segurando faixas anti-autoritárias e anti-capitalistas, foram calcorreando as ruas e ruelas de Setúbal, entrando na Av. Luísa Todi, vindo a acabar junto do Monumento à Resistência Antifascista, tendo sido colocadas no chão as faixas e aonde se distribuíram comunicados pela população, dando espaço a momentos de convívio e amena cavaqueira.

Depois de um breve reecontro com integrantes da manifestação nacional-fascista, a situação acalmou, mas começando a desmobilizar cerca de uma hora depois.

Entretanto, os 30 manifestantes da concentração "nacional" do PNR, protegidos pelas forças da ordem, aproximaram-se, numa autêntica provocação, vindo a estabelecer-se no lado contrário aos manifestantes anti-autoritários e anti-capitalistas, que não arredaram pé, tendo sempre presentes palavras de ordem contra o fascismo e pela liberdade.

Nestes tempos confusos, nos quais as pessoas cada vez contam menos, onde o capital se sobrepõe a valores como o da solidariedade e da liberdade, e onde ter dinheiro é subir na escala social, juntamos a nossa voz à voz de tantos milhões por esse mundo fora. Tal como em 1886.

O primeiro de Maio é uma data que evoca a luta dos povos oprimidos do mundo inteiro e dos mártires Albert Parsons, August Spies, Samuel Fielden, Michael Schwab, Adolph Fischer, George Engel, Louis Lingg, os quais foram condenados à morte, e um, Oscar Neebe, a quinze anos de prisão. Lingg morreu na prisão. Parsons, Spies, Fischer e Engel foram enforcados em 11 de Novembro de 1887.

Foram estes os mártires injustamente esquecidos nas tradicionais "festas do trabalhador", festas essas que prolongam a miséria e o esquecimento, mas tão propagadas pelos sindicatos autoritários e anti-operários.

Mas o 1º de Maio também é nosso! Nós que trabalhamos uma vida inteira para o patrão explorador. Nós que diariamente nos deparamos com a injustiça deste "estado social", da corrupção, do compadrio, da fome, da pobreza, da miséria, da exploração.

Nós carregamos - mesmo! -, nos nossos corações um mundo novo!

Para que a memória histórica não se perca.

Henrique Buenaventura

Criminalização dos movimentos sociais e megaeventos no Rio de Janeiro

Não é de hoje que o Estado e suas instituições trabalham para inviabilizar as mais variadas lutas dos movimentos sociais no Rio de Janeiro. Atualmente esta situação está-se agravando, e justamente por isso, se faz importante a construção de um fórum para resistirmos juntos contra estas criminalizações e continuarmos a lutar para ver nossas demandas realizadas.

Por conta da realização de grandes eventos como a copa das confederações em 2013, a copa do mundo em 2014, as Olimpíadas em 2016, o Rio de Janeiro está sendo um alvo importante de grandes empresários, seja na especulação imobiliária, na construção civil, na hotelaria e etc., que necessariamente resulta na exploração de trabalhadores e trabalhadoras, na repressão social de comunidades e ocupações com despejos desumanos e ilegais, aprofundando ainda mais as desigualdades sociais presentes. O Estado como bom capanga do capital que é, garantirá de maneira política, jurídica e coercitiva essa exploração.

Os movimentos sociais que ousam se organizar e enfrentar toda essa vida miserável que é imposta pela ditadura do capital estão sendo cada vez mais criminalizados. Tramita no governo a "Lei do Terrorismo", que nada mais é do que o "AI-5 da Copa". Esta lei que está para ser aprovada é um dispositivo que o governo terá à disposição para ser acionado quando houver um grande evento. Além dela ser válida para 3 meses anterior e posterior a qualquer evento, ela se configura como um verdadeiro Estado de Exceção. Direitos básicos como se organizar, se manifestar, realizar greves e propagar ideias serão proibidos. Essa lei foi construída com um nível de generalidade tão grande que até uma simples manifestação de rua poderá ser enquadrada como um ato terrorista.

E as penas são absurdas! É uma forma do governo materializar na constituição de forma incisiva a criminalização dos movimentos sociais.

Além disso, recentemente alguns acontecimentos são expressivos nessa perseguição a todo tipo de luta social no Rio de Janeiro. O companheiro Filipe Proença, membro da Organização Anarquista Terra e Liberdade e professor do GEP (Grupo de Educação Popular) e da rede pública, foi condenado por participar do ato de apoio à Ocupação Sem-teto Guerreiros Urbanos em dezembro de 2010. Além disso ele está sendo investigado absurdamente por cárcere privado, como se tivesse obrigado o vigilante a ficar dentro do prédio sem sair e roubo de um patrimônio público há décadas abandonado. O coletivo Guerreiros Urbanos, além de ser violentamente despejado na época com ação conjunta das forças policiais, está sendo investigado como organização criminosa. Na mesma semana, o advogado da FIST (Frente Internacionalista dos Sem-Teto) André De Paula também foi condenado, apesar de sua pena estar prescrita desde agosto do ano passado. A condenação, autêntica provocação e intolerável coerção ao movimento social representado pelo advogado mendicante, foi o pagamento de 12 parcelas de R$114,50 a uma instituição de caridade, sendo que a prisão ilegal foi feita pelo delegado federal Elias Escobar. A prisão do advogado deu-se em 2005 quando o mesmo defendia uma ocupação do prédio do INSS localizado ao lado da Câmara Municipal, hoje Ocupação Manuel Congo do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM). A OAB-RJ (Ordem dos Advogados do Brasil) julgou finalmente improcedente a representação da justiça que tentava cassar a carteira do advogado. Milhares de assinaturas foram anexadas ao habeas corpus feito pela Comissão de Prerrogativa da OAB para acabar com essa absurda condenação.

Por conta dessas duas condenações recentes e em virtude de várias mortes acontecidas no campo contra militantes da Liga dos Camponeses Pobres (Movimento dos Camponeses de Corumbiara), do MST e do Movimento de Libertação dos Sem-Teto (MLST), sem perder de vista o cenário nacional de criminalização dos movimentos sociais, diversos movimentos, organizações, coletivos e indivíduos se reuniram 19 de abril para pensar como poderíamos resistir a tudo isso. Deliberou-se a tentativa de construção do Fórum ampliado contra a criminalização dos movimentos sociais que tem tido reuniões periódicas além de manifestações de rua próprias, e em conjunto com outros movimentos, como por exemplo o movimentos grevista das universidades federais que já se encontram há um mês em estado de greve com adesão de quase 100% da categoria.

PM

Toda a correspondência para o Boletim Anarco-Sindicalista deve ser enviada para:
Apartado 50029 / 1701 - 001 Lisboa / Portugal
E-mail: aitport@yahoo.com

O Boletim Anarco-Sindicalista em PDF, a partir do número 22, pode ser descarregado da Internet em:
http://ait-sp.blogspot.com